

Da pilha elétrica como metáfora à metáfora como informação: da eletrodinâmica e da emancipação do espírito nos escritos de Allan Kardec.

Bernardo Curvelano Freire⁷

Resumo: O presente trabalho propõe a realização de uma leitura com ares de exegese dos escritos de Allan Kardec, no caso o *Livre des Esprits*, a partir de uma analogia que o mesmo Kardec propõe: a de que o corpo dos seres vivos tem seu melhor análogo nos aparelhos elétricos. Com o objetivo de revisitar os trabalhos recentes de Jeremy Stolow (2008, 2009, 2013), tenho como horizonte investigar não tanto a ocorrência episódica, mas natureza e a operacionalidade desta analogia. Com o objetivo de apontar a correlação entre os aparelhos da eletrostática e os projetos de emancipação do espírito encarnado - tema central do espiritismo kardecista -, intento discutir algumas propriedades da analogia enquanto tal na medida em que ela permite descrever as forças envolvidas como promotoras e como empecilhos desta mesma emancipação, o que nos leva a uma segunda questão. Compreendida como metaforização, a analogia com os aparelhos elétricos não se restringe às relações de contiguidade do fatalismo histórico próprio das narrativas sobre secularização. Se a metáfora também pode ser considerada como **une vérité à faire**, como sugeriu Hans Blumenberg, é porque ao concretizar relações entre termos distintos ela opera uma forma de metacinética das analogias, no caso, eletrodinâmicas. É assim que, em plena Terceira República francesa, ser possuído por um espírito pode ser uma forma de concretizar uma metáfora cujo meio/médium técnico conjuga a emancipação humana ao progresso da Era Psicológica mediante a tradução desta nos termos da experiência sensível.

palavras-chave: espiritismo, Allan Kardec, metaforologia, eletrostática, emancipação.

⁷ Doutor em Antropologia Social (IFCH-Unicamp), é professor efetivo do Colegiado de Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em São Raimundo Nonato - PI.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

"The Spirit' does not write but rather speaks. The translator writes, but when he reflects on what has been written, "the Spirit" is the agent. At times it becomes unclear which of the two speaks: whether, for example, in the command of "I" to his pen as "your [deine]" pen (1231) Faust has the floor or whether it is "the Spirit" who uses the familiar form of address."

Friedrich Kittler

Agir impulsivamente

Em 1873 o filólogo e filósofo Friedrich Nietzsche publica um desagravo que reclama para qualquer conceito futuro de verdade

"(...) o batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que são metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 1999:57).

A condenação da catacrese que define na forma de tábuas classificatórias do conhecimento positivo são, aqui, a negação da força que precipita a verdade como tal, isto é, sua erupção em que a falta de aparato seguro exigiu à espécie um esforço movido por coragem e algum devaneio para que a palavra situasse o meio. As relações às quais as palavras e seu complexo de analogias e figuras se remetem são relações reais que envolvem, dentre outras coisas, o risco imediato em que as coisas acontecem sendo assim não somente relacionadas, mas como presentes na relação. Engana-se aquele que pensa que a evocação da retórica é mais segura ou acabaria por remeter-se fatalmente a uma espécie de conhecimento secreto dos símbolos sagrados que garantiriam acesso a algum subterfúgio, a algum arcano das verdades sagradas. Pelo contrário, as figuras *de nenhum modo correspondem às entidades de origem*, estas as coisas relacionadas, com as quais nos relacionamos. O movimento seguinte é mais impressionante:



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“Assim como o som convertido em figura na areia, assim se comporta o enigmático X da coisa em si, uma vez como estímulo nervoso, em seguida como imagem, enfim como som. Em todo caso, portanto, não é logicamente que ocorre a gênese da linguagem, e o material inteiro, no qual e com o qual mais tarde o homem de verdade, o pesquisador, o filósofo, trabalha e constrói, provém, se não de Cucolândia das Nuvens, em todo caso não da essência das coisas.” (op.cit.:56)

O pesquisador é aquele que, pelo medo da infelicidade, abdica do risco em favor da guia dos conceitos como fator de segurança. Nada mais intuitivo, o que implica, em uma matriz sensualista que nos contamina a todos que um dia aprendemos a vocalizar o conceito da *fenomenologia*, em não tirar os sapatos e sentir o solo escalar por entre os dedos dos pés, o que é uma das formas de atestar que há um mundo que se avizinha a respeito do qual o que se diz é mais vibração do que sentido. Nisso, a metáfora que abre um caminho na forma de meio de transporte e orientação fixa-se na forma de convenção e, assim, deixa de lado o elemento temporal que lhe dá força - o salto no escuro do sentido originário - produzindo uma forma de insanidade em que a esquizofrenia se irmana da amnésia. É um gesto humano em que o humano, agora sábio, esquece que faz enquanto o executa vindo por fim a ser trancafiado na célula lexicográfica, já viciado em fazer coincidir atributo e atribuição. O conceito que notifica acerca dos graus diversos de segurança expresso pela malta de pesquisadores e filósofos que atestam em favor da essência (*identidade*), segundo o martelo de Nietzsche, não é outra coisa que não um *resíduo de uma metáfora*: ruína na qual o pesquisador esforça-se para se ausentar em tudo aquilo que diz, especialmente quando está presente. Esta doença - a doença, aqui, é uma metáfora - recebe a alcunha de positivismo, isto é, o desejo de ir *embora* ao invés de ir *além*.

Na expectativa de que *ir embora* pode ser uma forma de *ir além*, busco dar início neste trabalho uma investigação da vida das metáforas nos textos centrais do espiritismo kardecista e suas relações de intercâmbio com outros documentos que compartilhem do mesmo ponto focal. Entendendo a atividade de metaforização como a produção de pontos de contato em favor de uma convergência focal expressa como linguagem, procuro mobilizar uma determinada bibliografia, assim como sua base documental, em busca de estabelecer um arquivo espírita no qual sua paisagem conceitual seja mobilizada pelo seu aparelho metaforizante. Há um porém que devo ressaltar imediatamente, o que diz respeito à possível eleição de uma abordagem metodológica, que a esta altura correria o risco de promover mais confusão do que qualquer outra coisa. Pois, como vimos com



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Nietzsche e veremos com os escritos de Allan Kardec, as noção de que a metáfora se comunga com toda uma série de impulsos elétricos, dentre eles o impulso nervoso, permite que identifiquemos na correlação uma *episteme* ou uma *rede discursiva* que anuncia que um dado projeto intelectual não está isento de implicar-se como problema que ele mesmo elege⁸. Compreendo que poucas coisas podem ser mais aberrantes do que colocar Friedrich Nietzsche e Allan Kardec em acordo com relação aos usos da linguagem, especialmente quando na introdução do *Livro dos Espíritos* Kardec repete o adágio da clareza cartesiana que condena o uso da figuração, atitude que o autor de *Humano, demasiado humano* tanto vilipendia. Mas considerando que é o uso das metáforas que os reúne, e não qualquer acordo no plano conceitual, há de se ver nisso uma margem de manobra, especialmente de virmos o problema com a lente proposta por Hans Blumenberg (2010), para quem a metáfora é uma *vérité à faire*. Tendo isso em vista, qualquer convergência está por vir fazendo desta relação pouco usual, a de Nietzsche com Kardec, ela mesma, uma expressão metafórica que exprime, mais que qualquer outra coisa, um ponto de contato a partir do qual é possível *ir embora e ir além* - que são dois adágios fundamentais das práticas de emancipação.

Esta é, aliás, uma lição que podemos aprender diretamente com as considerações do próprio Allan Kardec a respeito da complexidade da comunicação com os espíritos pois se ele mesmo se mostra cioso em estabelecer um vocabulário preciso para distinguir *esprit*, *spiritualisme*, *spiritisme* e os diversos modos da *âme* nas primeiras duas seções da introdução do *Livre des Esprits*, mais adiante, na décima terceira seção ele mesmo determina o teor arbitrário das práticas de taxinomia, no espiritismo e alhures, afirmando por fim que "*les esprits se tiennent nullement à la forme; pour eux le fond de la pensée est tout*"(1857:xxxii). Impossível não sugerir, a esta altura, que o fundo do pensamento é também o meio de sua circulação que exprime sua qualidade de alma espiritual. O espírito que se utiliza do *médium* se comunica por **impulso**, sendo a linguagem formal um empecilho

8 Se o problema da generalidade das conductibilidade elétrica nas redes discursivas no século XIX europeu já foi abordado com cuidado por Laura Otis (2001), uma primeira abordagem no universo do espiritismo foi levada à cabo por Jeremy Stolow, em particular suas publicações de 2008, 2009 e 2013. Aqui, o conceito de *episteme* remete-se ao estudo clássico de Michel Foucault (1999), assim como a noção de redes discursivas, ou redes de discurso remete-se ao trabalho de midiologia de Friedrich Kittler (1990). Por uma questão de espaço a abordagem detalhada a respeito da trama que esta bibliografia oferece deve tomar lugar em uma outra oportunidade.

(op.cit.:xxxiii)⁹. É assim que, aos poucos, deixamos de falar de Friedrich Nietzsche e de uma concepção particular de linguagem para observarmos uma cena mais abrangente em que a relação entre metaforização e as condições pré-conceituais do recurso da linguagem tomam a forma de um problema, a saber, o do corpo como meio e, como tal, como ambiente de intercâmbio entre percepção e pensamento compreendido como impulso nervoso.

“What was language to a telegraph key was taste to the tongue. Like electrical fluctuatoins, nerve impulses produced the results that they did not because of what had excited them or even because of what they were but because of the device that was “reading” them” (OTIS, op.cit.:44)

Se no *Livre des Esprits* de Allan Kardec encontramos a analogia entre seres orgânicos e a pilha elétrica, não é sem proveito que convém abordarmos os experimentos de Alessandro Volta em que a sua versão do encontro entre *ação* e *reação* da *vida reagente* (STAROBINSKI, 2004) inverte a equação preservando somente um elemento em comum, a saber, os **pontos de contato** entre o fluídico e o material.

Questões sobre o *Livre dos Espíritos* e sobre sua leitura

Meu ponto de partida será o *Livre dos Espíritos*, de autoria de Allan Kardec, publicado em 1857. O livro em questão congrega e sintetiza uma série de comunicações travadas com os espíritos superiores anotadas na forma de um diálogo¹⁰ com caráter pedagógico em que a doutrina espírita é demonstrada detalhadamente em quatro seções, somando um total de 29 capítulos orientados

9 "C'est l'embarras qu'éprouve l'homme de génie impatientant de la lenteur de sa plume qui est toujours en arrière de sa pensée. On conçoit d'après cela que l'Esprits s'attachent peu d'importance à la puérilité de l'orthographe; lorsqu'il s'agit surtout d'un enseignement grave et sérieux; n'est-il pas déjà merveilleux d'ailleurs qu'ils s'expriment indifféremment dans toutes les langues et qu'ils le comprennent toutes? Il ne faut pas conclure de là pourtant que la correction conventionnelle du langage leur soit inconnue; ils l'observent quand cela est nécessaire; c'est ainsi, par exemple, que la poésie dictée par eux défierait souvent la critique du plus méticuleux puriste, et cela malgré l'ignorance du médium."(KARDEC, s/d:xxxv).

10 Convém notar que o livro é um apanhado efetivamente sintético das comunicações. Os diálogos propriamente ditos, em sua variedade abrangente, foram publicados na forma de relatos na *Revue Spirite*, publicação que começa a circular no mesmo ano, e que oferece uma trama complementar na publicação do fenômeno espírita. A correspondência entre ambas as publicações merece atenção à parte, coisa a ser feita em um outro momento.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

conceitualmente pela introdução subdividida em dezessete seções. Assim, questões como a *causa primeira*, o *mundo espírita ou dos espíritos*, as *leis morais* e *esperanças e consolações* servem de guia para o leitor que terá diante de seus olhos o desfile de discussões tramadas a partir do diálogo entre o espírita e um espírito superior que o responde cuidadosamente, sempre em tom professoral, atentando para as limitações características da vida humana em seu estágio material presente como condição determinante para a possibilidade de compreensão da mensagem. Desde este ponto a qualidade de conexão entre o espírito e a matéria é determinante para que um modo de comunicação possa se dar, entendendo que todos os limites em questão exprimem sempre a qualidade bruta da matéria contraposta à sutileza do espírito.

É importante que o leitor seja informado de algumas coisas. A primeira delas, que o *Livre des Esprits* foi publicado, desde a fundação da *Société* fundada por Kardec, por três casas editoriais diferentes. Para escrever estas notas exegéticas, utilizo-me de duas edições: a primeira e a 35ª, em formato digital. Durante meu doutorado, entre os anos 2012 e 2013 em que pude consultar originais na Biblioteca Nacional Francesa, no subsolo da unidade François Mitterrand, tive em mãos a segunda edição de 1864. Tendo isto em vista, convém anotar algumas mudanças que as edições trazem consigo. Mais atentas aos arranjos de diagramação e alguns detalhes na economia do texto, o que altera é o sistema de conexão texto-leitor, sistema este produzido por alguns elementos que discuto imediatamente. Estas alterações dão mostras de como esta modalidade de comunicação espírita, a comunicação por escrito - por tecnologia da informação - tomou forma tendo em vista uma determinada finalidade que é *colocar inteligências em contato por meio de pontos superficiais*. É o primeiro indício de como a publicação dos livros espíritas atende à concepção do exercício da leitura como um dispositivo emancipatório.

A 35ª edição do *Livre des Esprits* veio à luz pela Librairie des Sciences Psychologiques, editora fundada por Hippolyte-Léon Dénizard Rivail, nome de batismo de Allan Kardec. A mesma editora só veio a receber autorização para atuar como casa editorial dois anos após seu falecimento, em 1869. Antes disso, foram duas outras edições, isto é, dois públicos distintos os que tomaram contato com o espiritismo. A primeira editora a publica-lo foi a de Édouard Dentu, em 1857. Dentu tinha em catálogo outras tantas publicações de feição política, com muitos panfletos socialistas e *Le peuple* de Jules Michelet, assim como livros que atendiam à rubrica de *ocultismo*, *magnetismo animal* e



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

variações distintas de *espiritualismo*¹¹. Além de Kardec, temos Paul Auguez (*Les Manifestations des esprits; réponse à M. Viennot*) e Girard de Caudemberg (*Le monde spirituel ou science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances célestes et les âmes heureuses*) e Olympe Audouard (*Mondes des Esprits*), para ficarmos somente nas publicações em que a comunicação espírita recebe tratamento preferencial. Importante notar que boa parte das publicações com mesmo teor, especialmente as que giravam ao redor do círculo de Allan Kardec, circulavam na forma de publicações de autor, em que pese registrar publicações de Hilarion Huguet e Théodore (sic) Puel.

Após Dentu, fora Alfred Didier seu editor. Foi pela Didier que a apresentação do livro sofreu uma alteração discreta em sua apresentação, então listado em uma coleção cujo catálogo listava, dentre outros autores, André-Marie Ampère e Victor Cousin. Estamos já em 1860, e o espiritismo da *Société parisienne* presidida por Kardec já conta com o apoio de figuras de reputação ilibada como Camille Flammarion e um conjunto de pesquisadores do fenômeno espírito mais abrangente, participando também de uma extensa correspondência internacional envolvendo associações como a *Society for Psychical Research* de Londres. A despeito da constante do conteúdo, as mudanças da folha de rosto, divulgação e editor entre a primeira e a segunda edição fazem com que ambos os livros possam ser compreendidos de forma algo diferentes. Assim, se a primeira edição apresenta-se como um livro em que é reforçada, imediatamente, a autonomia do *espiritismo* frente o *espiritualismo*, o

11 Nascido Henri-Justin-Édouard Dentu, nasceu em 1830, vindo a falecer em 13 de abril de 1884. Terceiro em linhagem de livreiros-editores, assumiu a Librairie de gens de lettres do Palais Royal aos vinte anos, em 1850. Publicou mais de 6000 brochuras políticas com títulos como a questão da Itália, a questão do Oriente Médio, a guerra da secessão, a questão da América. Mais adiante, publica livros de viagens, coleções teatrais, obras de crítica social., como as de Proudhon, Le Play, Jules Michelet, Edgar Quinet e Louis Blanc. Os discursos fúnebres reunidos em uma brochura em sua homenagem, escritos em geral por autores publicados por Dentu, escondem quase que inteiramente a menção da rubrica das ciências ocultas. Os discursos, em quase sua totalidade, fazem questão de mencionar que Édouard Dentu morreu católico, sendo velado na igreja de Notre-Dame-de-Grâce. Há, no entanto, um discurso que nos oferece uma outra imagem. Trata-se do discurso de Olympe Audouard, escritora e palestrante de ofício que, além de fundadora da Sociedade dos Amigos do Divórcio, é autora de *Mondes des Esprits*, editado pela Dentu, livro que repete em linhas gerais o *Livre des Esprits* de Allan Kardec. Audouard é enfática em dizer que Dentu acreditava no espiritismo e que ele mesmo tinha participado de não poucas sêances, vindo a, por fim, conversar com seu amigo já falecido, Henri Delaage. A disputa pela reputação de Dentu recorre invariavelmente à mesma figura: a de que a Librairie de gens de lettre transformou-se em um desfile do pensamento contemporâneo, contendo uma grande parcela do conhecimento humano, vindo finalmente a contribuir para a obra do progresso, o que faz de Dentu contribuinte do grande movimento progressista e civilizador.

que está explícito logo no primeiro parágrafo¹², a segunda edição apresenta-se como um livro *espiritualista* em que *espiritismo* é apresentado como uma questão, ainda que autônoma, correlata. A temática da comunicação com espíritos é tensionada com a necessidade de produzir a comunicação entre os encarnados, o que faz do livro espírita um sistema de mediação complexo em que as duas atividades se encontram expressas no mesmo meio, impressas nas mesmas páginas.

A ênfase na comunicação espiritual é marcante, em especial no exercício da atividade medianímica que serve como vetor de comunicação entre encarnados e desencarnados. Estes, já habitantes de um outro mundo em que a matéria que compõe o plano terreal não sustenta a vida, utilizam-se de um meio de comunicação para conversarem com aqueles que fazem o registro da doutrina, doutrina que por dever os espíritos transmitem desde sempre, agora em linguagem vulgar. O meio de comunicação privilegiado, convém dizer, é o *médium*. Esta forma de comunicação de médiuns animados - medianímica - inaugura um movimento de abolição dos arcanos e dos símbolos sagrados como mediadores de assuntos espirituais destituindo assim qualquer elemento sobrenatural como veículo de orientação sendo assim o usufruto das propriedades da matéria. É uma qualidade conectiva que ela exerce entre o visível e o invisível que se expande, ocupando grande parte das pesquisas e questões da vida *savante* européia - no caso, é como a matéria orgânica metaboliza, metaforicamente, o contato com o espírito. A atividade do espírito passa a ser compreendida por outros termos, a saber, por via da *ubiquidade da inteligência vulgar* que opera em igualdade entre todos os seres humanos¹³.

12 "Pour les choses nouvelles il faut des mots nouveaux, ainsi le veut la carté langage, pour éviter la confusion inséparable du sens multiple des mêmes termes. Les mots spirituel, spiritualiste, spiritualisme, ont une acception bien définie; leur en donner une nouvelle pour les appliquer à la doctrine des Esprits, serait multiplier les causes déjà si nombreuses d'amphibologie. En effet, le spiritualisme est l'opposé du matérialisme; quiconque croit avoir en soi autre chose que la matière est spiritualiste; mais il n'en se suit qu'il croie à l'existence des Esprits ou à leurs communication avec le monde visible. Au lieu des mots SPIRITUEL, SPIRITUALISTE, nous employons, pour désigner cette dernière croyance, ceux de spirite et de spiritisme dont la forme rappelle l'origine et le sens radical, et qui par cela même ont l'avantage d'être parfaitement intelligible, réservant au mot spiritualisme son acception propre. Nous dirons donc que la doctrine spirite ou le spiritisme a pour principes les relations du monde matériel avec les Esprits ou êtres du monde invisible. Les adeptes du spiritisme seront les spirites, ou si l'on veut les spiritistes." - primeiro parágrafo do Livro des Esprits em qualquer edição.

13 Existe uma discussão a ser feita a respeito do papel do conceito de raça segundo o espiritismo de Allan Kardec, em especial tal como a questão hotentote (1857:103) é colocada. No entanto, partindo de uma noção monogênica de espécie, mesmo que a expressão da doutrina reconheça a distinção e a hierarquia de raças humanas, como o faz com etíopes e hotentotes - herdeiros da Nigricia de Charles de Brosses -, aquilo que determina sua



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A profunda alteração que esta concepção de comunicação espiritual oferece está enredada com outros tantos episódios que reiteram o mesmo fator de ubiquidade, fazendo com que sequer a comunicação mediada pela leitura permaneça a mesma. O *Livre des Esprits* é composto neste novo ambiente. E por tratarmos do livro como um veículo de extensão, falar sobre ler, escrever e publicar um livro durante as sucessivas convulsões políticas e sociais da República Francesa nos anos 1850 exige que levemos alguns elementos em conta. O primeiro deles, remetente à materialidade da comunicação, remete-se à escala do problema que exige que levemos em conta um problema: ao publicar material escrito, para quem se escreve? Dito de outra forma, quem sabe ler e o que é ler na França da primeira metade do século XIX?

Questões deste tipo podem ser respondidas mediante grandes apanhados estatísticos em que a instrução pública pós-revolucionária é medida por alguns de seus principais agentes, como François Guizot, quando Ministro da Instrução Pública em 1832 deu os primeiros passos para a institucionalização da educação de massa no país, ou pelos famosos relatórios de Louis Maggiolo sobre a alfabetização no sul da França e do barão Charles Dupin, *Forces productives et commerciales de la France* (Furet & Ozouf, op.cit.:121). As pesquisas sobre a alfabetização da população francesa, que pode também incluir a enquete do abade Grégoire (Certeau et.al.:1985), tinham como objetivo o mapeamento do hiato entre a unidade geopolítica francesa e sua realidade mais disforme e lacunar do que prometiam seus símbolos de poder. Com vistas na eliminação desse descompasso na organização social do país, os diagnósticos aparecem como ferramentas importantes de administração do espírito público vindo a oferecer meios de fazer com que as fórmulas imperativas da então República Francesa transformassem-se em *modus operandi* da população. Assim, as discussões sobre mudanças nos métodos de organização curriculares foram instaladas após a Restauração, em 1814, tendo como o principal desafio a elaboração de uma política ampla de normalização, isto é, de implementação de um curriculum normal em escala nacional cuja finalidade fosse a instrução de cidadãos em prol da

humanidade é a susceptibilidade ao progresso. Isto as faz acessíveis à revelação espírita e à expressão da vida inteligente/racional, o que exprime uma contradição interna similar à Lei dos Três Estágios de Auguste Comte em que a racionalidade primitiva aparece como expressão da razão humana, contrapondo-se à variações segregacionistas do racismo, na mesma medida em que o reconhecimento de sua humanidade está à serviço de práticas de tutela. De forma geral, Kardec parece corresponder-se ao problema da ubiquidade expressa pelas condições de possibilidade da manifestação da comunicação espírita (FOUCAULT, 1999:333) descrita fundamentalmente a partir da extensão das relações (op.cit.:365).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

modernização da França. O que está em questão é a formação cidadão do francês republicano que, a esta altura, desconhece as leis republicanas, não se orienta pelos ideais republicanos e tampouco é necessariamente falante da língua francesa. Vemos como este problema foi diagnosticado na medida em que, mais concretamente, François Guizot tinha como meta viabilizar a distribuição de um milhão de cópias do *Alphabet ou premier livre de lecture*, 250 mil cópias do *Petit catéchisme historique*, 55 mil cópias do *Petite arithmétique raisonnée*, distribuição esta feita gratuitamente. Tábuas de leitura fazem parte desse mobiliário pedagógico que estabelecia alguma noção de conteúdo. E, neste caso, os números não nos permitem mentir: o público alvo eram os professores, aqueles que deveriam aplicar o curriculum normal. A carência maior na instituição de um sistema educativo nacional, nos moldes de um curriculum único baseado na presença em sala de aula, era exatamente a figura da instrução pública, o *instituteur* e a *institutrice* que não dominavam eles mesmos os elementos fundamentais da atividade letrada (FURET & OZOUF 1977).

Os esforços movidos desde os gabinetes públicos, sempre irradiando políticas gestadas no centro do poder parisiense, fazem da instituição da política francesa um movimento de colonização do próprio território na medida em que a unidade nacional é um dado *a posteriori* das cartas constitucionais e do Código Civil de Napoleão, uma *vérité à faire* com contornos específicos. A historiografia de Furet & Ozouf é extremamente meticulosa em organizar o arquivo da política educacional revolucionária e sua ênfase em métodos de alfabetização que seguiam promovendo, à forma do Antigo Regime, uma espécie de *alpha-bétise*. Neles, os procedimentos de controle político das instituições teriam um papel mais importante do que qualquer nova metodologia que atendesse as necessidades de um país que se urbanizava em altíssima velocidade sem ter, assim, a companhia da atividade industrial. No limite, nada permitiria distinguir as práticas escolares revolucionárias das do Antigo Regime¹⁴. Nenhuma inovação pedagógica, nem trazida pela Revolução e tampouco

14 "Ainsi, ce qui sépare les "anciens usages" de nouveaux n'est en rien pédagogique, ou proprement scolaire. De ce point de vue, l'école de la Révolution est la même que celle de l'Ancien régime: même curriculum successif, qui va de la lecture au calcul, et qui se borne parfois à la lecture au calcul, et qui se borne parfois à la lecture, ou bien offre une formation complète, selon la qualité du maître; même classe unique où sont mêlés des enfants d'âge et niveaux différents et où l'enseignement reste individuel; même prudence à déraciner l'apprentissage traditionnel dans une langue étrangère, comme le flamand en l'allemand, un dépit des consignes du patriotisme jacobin et de la loi de brumaire an III; même incertitude en ce qui concerne la séparation des garçons et des filles, que l'école de la Révolution maintient en principe sans que la règle soit uniformément suivie. Malgré des appels répétés à l'amélioration des méthodes pédagogiques, il semble que rien n'ait changé par rapport aux "petites écoles". Ce qui caractérise l'école de la



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

nenhum revisionismo das práticas antigas. Para formar cidadãos da República era necessário, no dizer de Antoine François de Fourcroy, *faire l'école*. No entanto, *pas d'instituteur*.

Abordagens como as de Furet & Ozouf, a despeito do marco teórico que estabelecem, sofrem de uma espécie de *mal de escala*. Nele estão incutidos juízos e, principalmente, objetos que buscam responder ao desafio de oferecer à França, esta *vérité à faire* tão característica dos Estados nacionais, um diagnóstico que lhe seja proporcional. Nisso, o atrito entre noções temporais acabam por produzir objetos específicos. A aceleração do tempo revolucionário é contraposto a lentidão profunda dos métodos historiográficos da *longue durée* em que a comprovação estatística contesta a profundidade e a generalidade das transformações propriamente morfológicas da vida coletiva, permitindo assim questionar procedimentos taxinômicos que distinguiriam períodos históricos como Antigo Regime e Revolução. O mal de escala talvez esteja em procurar a novidade tendo uma só escala como determinante, fazendo com que os processos que correspondessem à aceleração do tempo estivessem vinculados a uma escala específica tendo, portanto, uma origem necessária como irradiadora, inferindo assim uma variação de absolutismo conceitual (BLUMENBERG, 2010). Mas o que pensar se, ao invés de Paris, as práticas revolucionárias que não foram administradas pela Revolução viessem da província e, ao invés de produzir cidadãos franceses, tivessem produzido outras personagens (HÉBRARD, 2001)? Como, por exemplo, a que transforma analfabetos em leitores de livros espíritas?

Esta mudança de escala, que sai da longa duração e identifica pontos de ruptura em dimensões mais próximas da que circunvizinha uma relação face-a-face, não evoca qualquer mudança expressiva de forma totalizante e absoluta como o exigiriam pesquisas fundamentadas em problemas de morfologia social. Assim, a emergência de novas práticas pedagógicas podem não redundar

République, c'est simplement qu'elle, st Républicaine. Retournant contre l'Église l'obsession scolaire de la Contre-Réforme: fabriquer les pensées et les comportements, la Révolution s'est battue pour contrôler l'école, non pour la transformer". (Furet & Ozouf, op.cit.:109). É deste tipo de elaboração a respeito das práticas institucionais de alfabetização que pesquisadores como Jean Hébrard (2001:37-38) afirmam, como uma constante sociológica, de que a leitura é uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende; que a leitura tem valor de sintoma de enraizamento nos grupos sociais que praticam as formas dominantes da cultura em maior peso do que valor de instrumento da mobilidade cultural em direção as esses mesmos grupos. Daí a ênfase dada no caráter estratégico de investigar as práticas de auto-didatismo que, tal como a mística no século XVII, opera como curto-circuito das redes discursivas construídas sendo um ponto de fuga em direção às técnicas de decifração.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

necessariamente em métodos institucionalmente vitoriosos no cenário nacional francês encampados pelos processos revolucionários. Ao invés de *Revolução*, podemos estar narrando capítulos emancipatórios de populações menores que, mesmo que estatisticamente irrelevantes ou invisíveis aos métodos da estatística dos questionários de Maggiolo e Dupin, marcam sua entrada em novos regimes discursivos vindo a cruzar não somente a distância entre o oral e o escrito, mas também penetrar no terreno em que palavras são somente palavras (FOUCAULT, op.cit.; KITTLER, 1990), e não mais palavras de ordem, ou *faire faire* (DELEUZE & GUATTARI, 1980:95-139).

Aqui a remissão aos nomes de Johan Heinrich Pestalozzi, e Joseph Jacotot, caso nos atentássemos exclusivamente à biografia de Hippolyte-Léon Dénizard Rivail, nome de batismo de Allan Kardec, bastaria. Ambos cumprem ser personagens fundamentais na trajetória do pedagogo que viria a ser figura maior do espiritismo, sendo eles mesmos capítulos com autonomia narrativa¹⁵. Pestalozzi dirigia uma escola experimental em Yverdun, na Suíça, onde Rivail foi matriculado na primeira infância. Nesta escola, ao invés de estar sujeito a limites como a de *pas de instituteur*, o aluno convertia-se em mestre-aprendiz assim que finalizasse etapas de aprendizagem específicas vindo assim a ajudar os professores com os alunos mais novos nas atividades de instrução e ensino. Já adulto, no ofício de pedagogo, Rivail publica dois livros em que reclama a metodologia de Pestalozzi: *Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique*, de 1828, e o *Cours pratique et théorique d'arithmétique*, publicado no ano seguinte. Jacotot, por sua vez, está na dedicatória do livro de 1848 de Rivail, o *Catéchisme de la grammaire de la langue française*. Ambas personagens cumprem ser, assim, centros difusores das metodologias que hipoteticamente aceleram os processos de instrução pública vindo a oferecer para história do espiritismo e, em especial, aos livros espíritas de Kardec, dois conceitos fundamentais: a fórmula emancipatória da *igualdade da inteligência* de Jacotot; e a figura do *mestre-aprendiz*, presente tanto na obra de Pestalozzi como de Jacotot. Mas não é simplesmente o conceito que nos interessa, dado que ele se encontra em publicações anteriores, como no *Émile* e no *Discours sur l'origine et le fondements de l'inégalité des hommes* de Jean-Jacques Rousseau. É a tradução de conceito em técnicas de ensino, justamente aquilo que a Revolução parece estar tão carente, que me chama a atenção. Nela vemos aplicado um princípio de ubiquidade em fórmulas experimentais que encontraremos mais uma vez, na bateria elétrica desdobrada em metáfora

15 O que pode ser atestado em Kittler (1990), em Rancière (1985, 1987) e em Vermeren (1985).

eletrostática. Sem poder aprofundar-me no assunto¹⁶, Kardec, como redator dos livros espíritas, leva adiante o exercício da orientação à distância com vista na formação de auto-didatas produzindo assim sua própria série de livros que ensinam. O *Livre des Mediums* é a fórmula mais acabada do autodidatismo espírita que, por questões de espaço, também não poderei abordar.

Em seu *Laboratories of Faith*, John Warne Monroe (2008) discute brevemente a redação do *Livre dos Espíritos* com relação a duas dimensões importantes da redação do *Livre des Esprits*. A primeira, com relação à estrutura textual. Monroe toma o cuidado em apresentar a estratégia textual da redação de Allan Kardec a partir do formato de perguntas e respostas como forma de condução da atenção do leitor. Assim, se os livros de Auguez, Audouard e Caudemberg eram *densos e repetitivos*, o de Kardec era dividido em segmentos curtos dispendo ao leitor uma ordem conveniente de leitura, podendo ser interrompido e facilmente retomado a qualquer momento (Monroe, op.cit.:104). Posto isto, o que Monroe afirma é que não somente a linguagem é efetivamente, e não pretensamente, vulgar como a organização do texto também o é, o que faz com que seja um livro que atenda às requisições técnicas de um livro acessível. Tendo uma proposta didática, isto é, de transmitir os ensinamentos dos Espíritos superiores, a estratégia textual cumpre um papel importante. No caso, não é um livro de pedagogia espírita, mas um livro espírita pedagógico¹⁷.

O apelo ao espiritualismo como um negativo do sensualismo materialista feito na introdução pode oferecer, no entanto, um par de oposição que não é necessariamente pertinente na sua inteireza. Isto porque há outros pares que merecem alguma atenção antes de elegermos algum par de oposição como pano de fundo das operações simbólicas que o texto promove. Uma vez que é a leitura de um livro que está em questão, e é a forma de lhe conferir alguma unidade leitura o problema com o qual me ocupo, os meios para produzir este efeito, de que há uma unidade de arquivo, precisam estar devidamente discutidos. Entendendo que não há nada que nos ofereça qualquer garantia de antemão

16 Dediquei boa parte de minha tese a este problema (FREIRE, 2015).

17 Neste caso, a elaboração de estratégias textuais com a finalidade de transformar a leitura em um exercício agradável e proveitoso aponta para dois horizontes importantes das práticas de leitura. A primeira, a de que consolidam-se as práticas de leitura solitária, autônoma e em silêncio fazendo com que elementos como a condução da atenção do leitor sejam melhor programadas segundo a extensão da informação e a disposição da mesma. O outro horizonte atende à ampliação do público leitor que produz, dentre outras estratégias, a publicação de capítulos em separado a custo de poucos centavos no formato de folhetim (Lyons, 2001:10) e na consolidação dos livros que ensinam a ler, isto é, que investem no recurso do autodidatismo (Freire, 2015).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

de que os documentos espíritas nos franqueiam acesso à qualquer unidade que transcenda as necessidades de redação de relatórios de pesquisa da parte do pesquisador que se dedica ao espiritismo, é preciso encontrar no mesmo documento alguma confirmação de que o tema tratado é decisivo para a organização de um arquivo que se produz não somente no ato da publicação de um texto mas também do uso que se faz desta tecnologia de leitura. Sendo que a esta altura já afirmei que o espiritismo não trata simplesmente da comunicação entre vivos e mortos, chegamos ao ponto decisivo para compreendermos que o espiritismo não trata da comunicação com os mortos, mas sim da comunicação entre formas de vida. Nisso, a oposição entre matéria e espírito pode ceder espaço para uma outra oposição, experimental, entre *seres orgânicos* e *seres inorgânicos* a partir da qual Allan Kardec inscreve uma metáfora estratégica para a leitura do *Livre des Esprits*. É esta distinção que permite uma analogia específica com os aparelhos elétricos¹⁸.

"Os seres orgânicos são aqueles que têm em si mesmos a fonte de atividade íntima que lhes dá vida; nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem; são providos de órgãos especiais para o desempenho de diferentes atos de vida que são apropriados às suas necessidades com a finalidade de sua conservação. Compreendem os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são todos aqueles que não têm vitalidade, nem movimentos próprios e não são formados por nada além de agregação da matéria; tais são os minerais, a água, o ar, etc."(s/d:26)

Esta distinção não serve somente para distinguir. Ela serve a um problema, a saber, aponta para uma analogia a ser proposta mais adiante, a de que os seres orgânicos têm uma relação de fundo com os seres inorgânicos. Esta analogia estabelece um termo de comparação que individua, isto é, informa a diferença na eleição da semelhança *saying one thing, meaning another*. Nisso, o leitor é informado de que somente a matéria orgânica e **animizada** pela incidência do *princípio vital*, sobre

18 O que nos coloca no centro focal da leitura que Foucault faz da obra de Cuvier em que, na produção da matriz funcionalista da anatomia comparada, escreve o seguinte a respeito do abandono da caracterologia em favor da hierarquia funcional dos órgãos para a compreensão biológica dos corpos vivos: "Mais que a imagem calma dos caracteres, ele mostra a passagem incessante do inorgânico ao orgânico, pela respiração ou pela nutrição, e a transformação inversa, sob o efeito da morte, das grandes arquiteturas funcionais em poeira sem vida: "As substâncias mortas são conduzidas para os corpos vivos", dizia Cuvier, "para aí terem um lugar e aí exercerem uma ação, determinados pela natureza das combinações em que ingressaram, e para daí escaparem um dia, a fim de entrarem novamente sob as leis da natureza morta." (FOUCAULT, op.cit.382-382).

o qual trata o capítulo IV do *Livre des Esprits*, pode ser considerada *matéria organizada*. Esta manifestação da matéria indica a razão pela qual o materialismo não é suficiente à luz da doutrina espírita, da mesma forma que o mesmo não é simplesmente desprezível. *A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria; tal agente, sem a matéria, não é a vida da mesma forma que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele fornece a vida a todos que o absorvem e à ela se assimilam* (op.cit.:27).

O princípio vital está tanto em um determinado agente particular quanto se apresenta como propriedade da matéria organizada. Estando tanto lá quanto cá - na verdade, fazendo do *medium* o seu terreno -, é a manifestação da ubiqüidade evidenciando por sua vez um caráter negativo que é próprio desta conjunção por meio da matéria: de que havendo no agente um princípio vital, **ele não é o princípio vital**. Conceitualmente este mesmo princípio ainda guarda suas fontes no fluído universal como fonte conceitual, cabendo aqui a indistinção entre o fluído magnético e o fluído elétrico animalizado que tem como fonte irresoluta o mesmerismo da virada do século XVIII para o XIX. É o fluído etéreo, seja ele nomeado como for, que deve cumprir um papel de estar em todos os lugares sem poder ser encontrado em nenhum deles especificamente (MILUTIS, 2006:x)¹⁹, produzindo esta torção sensualista da teologia negativa. O imaterial, para se tornar vida, deve ser transdútil (KEANE, 2013)²⁰. Esta força que não depende de lugar para existir só pode se manifestar em um lugar, um ponto de encontro em que a alma converte-se em vida. **Para todos os efeitos elencados, a oposição estruturante é entre o orgânico e o inorgânico uma vez que existe uma conjunção privilegiada entre o imaterial e o material, é a que permite a manifestação do princípio vital.** É na dinâmica

19 Milutis vai mais além: "The body connects with the cosmos and superconsciousness through this Aerial Medium, the irrational element of Newton's rational universe, productive of a secret history of philosophic holism, radiant bodies, universal energy, and deterritorialized flow."(2006:08), mostrando as conexões fundamentais em que o éter se manifesta como uma relação de força fazendo com que a influência dos astros na vida individual, esta forma característica de influência que abandona a astrologia sem abrir mão da preponderância dos ciclos cósmicos.

20 Ainda que o conceito de transdução ofereça não poucos desafios, este trabalho aceita provisoriamente a redução semiótica proposta por Webb Keane em que a transdução opera na passagem de um domínio semiótico para outro: "Semiotic transduction focuses on movement, from invisible to visible, from immaterial to material, and from intelligible to sensible (or, in each pair, the reverse). it may be an especially appropriate means of drawing power from a spirit or divine source because of the ways in which this movement can manifest the relations between worlds non-phenomenal and phenomenal"(op.cit.:10). A noção sugerida por Keane pode ser aceita sem maiores dificuldades quando a imagem que trabalhamos é eletrostática. No entanto, ela deve ser discutida com maior detalhe no caso de a remetermos a imagens eletrodinâmicas.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

do princípio vital que as condições do progresso humano, entendido como uma categoria da experiência, que reside a caução que caracteriza o empreendimento espírita e sua ciência pedagógica. O inorgânico não *exprime* nada que não a agregação material. A matéria orgânica, por sua vez, exprime a realidade fluídica que depende da matéria para se exprimir. Posto que esta conjunção se dá, a oposição de base é a seguinte:

INORGÂNICO::(ORGÂNICO) x ANÍMICO

O apelo à condição pedagógica da matéria é um ponto crucial sobre o qual devo voltar mais adiante uma vez que é nele que localizamos os problemas da emancipação em sua situação propriamente histórica. Ela reflete o impacto do sensualismo filosófico na expressão da noção psicológica de mente na medida em que o espírito tem como condição os pressupostos materiais da expressão do princípio vital sendo impedido de manifestar, exprimir e mesmo perceber outra coisa que não as restrições que a matéria lhe impõe. O inorgânico é, assim, indiferente à vida. Ainda assim, os pontos de contato seguem pertinentes exatamente pelo seu caráter transdútil.

"Teremos uma imagem mais exata da vida e da morte no aparelho elétrico. Esse aparelho conserva a eletricidade, como todos os corpos da natureza, em estado latente. Os fenômenos elétricos não se manifestam de outra forma se o fluido não for colocado em atividade por uma causa especial: assim, poderemos dizer que o aparelho está vivo. Com o cessar da causa da atividade, o fenômeno cessa e o aparelho entra em estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, algum tipo pilha ou de aparelhos elétricos nos quais a atividade do fluido produziria o fenômeno da vida: o cessar da atividade produz a morte." (KARDEC, op.cit.:29)

A oposição proposta mais acima parece ter caído por terra. Afinal, ela sugere uma oposição forte entre o orgânico e o inorgânico como sendo mais definitiva do que a oposição entre o espírito e a matéria para termos uma via de entrada para o arquivo espírita. É o próprio Allan Kardec que oferece a imagem que encontra no aparelho elétrico, um aglomerado de matéria inorgânica, a imagem mais exata da passagem da vida para a morte. Em minha defesa é possível dizer pelo menos duas coisas antecipadamente. Em primeiro lugar, sendo uma imagem, o aparelho elétrico é uma metáfora em que a vida se manifestaria como conservação da atividade fluídica, fazendo com que a vida, em termos materiais, só possa ser percebida mediante indícios de sua presença. Em segundo lugar, é preciso compreender que pares de oposição precisam ser mobilizados em outros terrenos para que possamos

finalmente abordar a imagem segundo a dobra do sentido que ela abarca, isto é, a que servem os termos de oposição quando são finalmente conjugados. Para tal convém deixarmos a pilha metafórica de lado por alguns momentos de forma a avaliarmos a pilha experimental nos relatos de pesquisa de Alessandro Volta para que possamos compreender melhor qual é a extensão da metáfora.

Obviamente que nada indica que Kardec tenha encontrado em Volta e na carta de 1800 para Joseph Banks o modelo de sua metáfora eletrostática. O mais provável que o período em que se envolveu com as atividades do magnetismo animal lhe tenha servido de orientação suficiente. No entanto, não é a conexão histórica direta com as pesquisas de eletrostática e eletrodinâmica que me chama a atenção. É o recurso da metáfora do corpo orgânico como pilha elétrica e sua relação com uma concepção de metáfora que nos interessa. Nisso, encontra-se disperso, em fins do século XVIII, uma série de elementos que apontam para a possibilidade de *conduzir a inteligência humana* que, tal como o éter, manifesta-se como um componente ubíquo e que, como as forças que se exprimem na relação entre os corpos, pode ser adequadamente canalizado, entendendo aqui o fluido vital a manifestação da *ubiquidade da inteligência* que garante o exercício da conexão entre livros para auto-didatas e a existência de auto-didatas que possam usa-los. A circulação das experiências no entorno do galvanismo e dos experimentos com correntes elétricas já se encontravam difundidas para além da correspondência *savante*. Exatamente em 1800, ou seja, 11 anos após a Revolução, a École Polytechnique publica uma série de manuais e cursos de química e física com vistas em serem adotadas por colégios regionais. Dentre as publicações está uma tradução de *Experiências sobre o galvanismo*, de Alexander von Humboldt²¹ que pode ter sido utilizado em algum momento por Kardec. Ainda assim, é difícil compreender qual a penetração e os caminhos de difusão destes trabalhos quando a atividade da física francesa, sob a influência marcante de Pierre-Simon Laplace, era majoritariamente dedicada à física matemática ao invés as pesquisas de caráter experimental (Caneva, 1980). A despeito de tantas dificuldades em estabelecer correlações documentais mais específicas, o mais importante aqui é que o experimento de Volta nos ajuda a compreender o mecanismo eletrostático como fornecedor de uma correlação metafórica que, por ora, segue incompleta.

21 Expériences sur le Galvanisme, et en général sur l'irritation es fibres musculaires et nerveuses.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A carta de Volta é dirigida à Joseph Banks, então presidente da Royal Society, redigida em francês, língua na qual fora lida em sessão. Nela Volta descreve um aparelho que produz circulação elétrica mediante contato entre *metais de natureza distinta* oferecendo assim elementos para uma investigação a respeito da matéria condutora, termo que, aqui, corresponde-se com a noção de *médium*. A natureza fluídica com a qual a eletricidade é tornada conceito tem no horizonte de contato material a comprovação de que o fluído pode ser transmitido de forma com que a transmissão seja organizada segundo um circuito. A composição do circuito elétrico indica que há materiais não-elétricos e os elétricos, que interrompem o fluxo (condutores e isolantes, respectivamente). O dispositivo criado por Volta é um aglomerado técnico podendo ter mais de 60 peças compostas por vários tipos de condutores: cobre ou prata, estanho, zinco; camadas de água ou outro líquido como água salgada; pedaços de cartão umedecidos. Ao contrário dos demais dispositivos, como a bateria de Galvani, a carga elétrica é imanente simulando um *órgão elétrico*, no caso, do peixe torpedo. A pilha, tal como descrita por Volta, é um *órgão elétrico artificial* na medida em que produz corrente elétrica *como se fosse* o organismo de um ser vivo.

A estrutura do dispositivo é bastante simples. Sobre uma mesa Volta intercala em uma pilha de discos os feitos com prata, por exemplo, com os feitos com zinco sendo sucedido por um disco metálico umedecido. A ordem não pode ser alterada sendo assim a estrutura da coluna: a intercalação de matéria metálica. A descrição de toda a aparelhagem nos tomaria muito espaço. Sendo assim, atendo-me somente a uma de suas funções designadas, a saber, *obter choques*. Ao direcionar a experiência para esta direção, a saber, fazendo o dispositivo interagir com o corpo humano, Volta confere à pilha uma maior extensão comprovando a relação imediata entre o orgânico e o inorgânico a partir da condutibilidade. É possível, desta forma, estabelecer uma variedade de critérios a partir da interação na qual o choque invade o corpo do experimentador; o contato direto do dispositivo com a pele causa um choque que pode ser aumentado se os dedos que tocarem as duas extremidades da pilha estiverem molhados; a ampliação ainda maior do choque se dá ao *pôr em comunicação por meio de uma tira suficientemente larga ou um fio metálico bem grosso, o pé da coluna, isto é, o último disco, com a água de uma bacia ou de uma tigela bem grande, na qual se deixará imerso um, dois, ou três dedos, ou toda a mão, enquanto a extremidade superior (...) será tocada com a extremidade limpa de uma lâmina metálica*, segurada com a mão bastante úmida. A composição do circuito, por fim, só precisa que os discos metálicos de cada par toquem-se em poucos pontos de contato direto. Caso uma

segunda pessoa dê as mãos à pessoa que esteja em contato com a pilha, o corpo humano opera como condutor da corrente. E aqui reside o detalhe importante que se mostra como desdobramento da experiência.

Um segundo aparelho é montado. A *coroa de taças*, isto é, uma série de taças ou copos elétricos (não-condutores) preenchidos pela metade com água, água salgada ou lixívia²² colocadas em cadeia por meio de pontes metálicas cujas pontas de conexão, devidamente soldadas, tem seu elo de saída em cobre ou prata e o elo de chegada, na outra taça, em zinco. A cadeia de condutores orienta a ação elétrica a partir do contato por uma extensão tão grande quanto for possível estender o aparato desdobrando o procedimento original. O teste do aparelho é realizado com a criação de um curto no qual o experimentador imerge a mão em uma das taças e, em uma outra taça mais afastada no mesmo circuito, imerge um dedo. O choque maior advém da amplitude do curto - o maior choque possível está em imergir a mão na primeira taça e imergir o dedo na última taça da coroa.

"Agora poderá causar surpresa que neste circuito a corrente elétrica, mesmo tendo a sua passagem livre nesta massa contínua de água que está na tigela, deixe esse bom condutor para buscar prosseguir o seu curso através do corpo da pessoa que tem em suas mãos imersas nesta mesma água, fazendo desse modo um trajeto mais longo. Mas não haverá surpresa se refletimos que os organismos animais vivos e quentes e principalmente seus líquidos são em geral melhores condutores do que a água. Portanto o corpo da pessoa que imerge as mãos na água, oferecendo uma passagem mais fácil do que a água ao fluido elétrico, este o preferirá mesmo que seja mais longo. Por outro lado, como o fluido elétrico que deve atravessar condutores não perfeitos e principalmente condutores úmidos, prefere passar em um canal mais largo, ou repartir-se em muitos [canais] ou até tomar vias transversas, encontrando desta maneira uma resistência menor do que ao seguir um único canal; no nosso caso, apenas uma parte do fluido elétrico afasta-se da água e toma esta nova via [através] da pessoa, percorrendo-a de um braço a outro, enquanto que uma parte, mais ou menos grande, atravessa a água da bacia." (VOLTA, 2008:129)

22 Água sanitária, isto é, hipoclorito de sódio - substância alcalina.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A superfície de contato passa então a ser considerada como entrada para um meio que conduz e captura o fluxo com maior facilidade. Numa definição alternativa para a de *matéria sutil*, pertinente para compreendermos algumas das questões que o espiritismo coloca para o materialismo, a primeira delas está na heterogeneidade da matéria enquanto tal, fazendo com que determinados fluídos encontrem melhor passagem por via deles. Com relação à matéria inorgânica, a matéria orgânica é a matéria sutil:

inorgânico:orgânico<orgânico:anímico

Este é, vale repetir, o território do magnetismo animal, de Mesmer e Puységur. O que eu quero chamar a atenção é que a interferência da matéria mais sutil produzindo curto-circuito na corrente elétrica oferece uma imagem complementar à imagem de um espírito superior interferindo na mesma matéria para proferir ensinamentos. O espírito interfere no médium estável interrompendo a manifestação orgânica de base, aquela que ao invés de chamarmos de vida, chamamos de possessão. A esta altura, é importante destacar a existência entre a expressão do circuito fluídico no curto-circuito como precipitação de uma hierarquia que é, importante ressaltar, imanente à matéria não sendo fruto, portanto, de nenhuma ordem extrínseca - seja ela simbólica, política ou social. Em uma dada configuração, guardadas as escalas pertinentes, toda a matéria orgânica é igual - como por exemplo, igual condutora de fluido elétrico.

A imagem da pilha elétrica nos oferece alguns recursos para compreendermos as práticas espíritas a partir de seu problema de base: a publicação de livros que orientam praticantes sem mestre. Ela oferece, tal como os elementos da própria metáfora e mesmo da concepção de metáfora com a qual estou flertando, uma noção de ponto de contato que oferece um curto-circuito em que a aceleração dos processos implica em sua maior intensificação. Entendendo a generalidade da comunicação espírita e a realidade fluídica que alimenta o corpo de vida, o espiritismo se vale, em todas as suas práticas, de uma proliferação de pontos de contato e, em casos como a atividade mediada pela leitura em massa, de curtos-circuitos que, aqui, mal comecei a abordar e que se comportam de forma transdútil. Desta forma, começamos a operar dentro da esfera de atuação da atividade metafórica, que é a de estabelecer relações pragmáticas entre entes e fenômenos de alguma forma distantes, mesmo que em distâncias infinitesimalmente pequenas, concretizando assim o registro próprio do movimento dos corpos e toda sorte de afecções correlatas. Neste movimento o que se perde é a segurança em favor dos imperativos de força - isto é, a despeito dos riscos, descrever a precipitação



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

da contingência como tal, sem a figura frequentemente gratuita dos monstros e demônios que, existentes, ao menos deixam de exercer o monopólio do erro e da ilusão. A pertinência da conexão entre o exercício das analogias metafóricas, para além da versão metafísica da concretização do léxico, faz-se necessário recorrer a uma espécie de vistoria de infraestrutura que investiga o estado das conexões de cabos, as tubulações, os sistemas de frequência e toda sorte de hidráulica, energética ou telecomunicação que se presentifica com a debilidade das infra-estruturas. Assim, ao invés de ser a atualização de um acordo, esta orientação investiga a possibilidade de que a metáfora indica a provável emergência de uma convergência técnica em torno de um problema. Isso não quer dizer que o acervo técnico mobilizado seja necessariamente da mesma matriz ou linhagem para precipitar a convergência no foco metafórico, isto é, do encontro. No entanto, para que a convergência focal possa ter lugar, é indispensável que haja comunicação - que pode ser tanto cognitiva como proprioceptiva. Assim, trata-se da gestação de um meio em comum que propicia um certo modo de repetição e oferece também um terreno onde pode frutificar a memória em algum lugar do futuro ao cumprir o papel de passado ao acontecer de novo. Instável e precária é a afirmação da metáfora como *vérité à faire*.

Bibliografia:

BLUMENBERG, Hans. *Paradigms for a metaphorology*. Signale/Cornell. Ithaca. 2010.

DELEUZE, Gille & GUATTARI, Félix. *Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie*. Minuit. Paris. 1980.

DHOMBRES, Jean. Livros: dando uma nova forma à ciência in DARTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução impressa: a imprensa na França, 1775- 1800*. EdUSP. São Paulo. 1996.

FREIRE, Bernardo Curvelano. *A conciliação interrompida: modos de mediação na França e o espiritismo francês no século XIX*. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas. 2015.

FURET, François & OZOUF, Jacques. *Lire et écrire: l'alphabétisation des français de Calvin à Jules Ferry* (2 vol.). Minuit. Paris. 1977.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? in CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Estação Liberdade. São Paulo. 2001.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

KARDEC, Allan. *Philosophie spiritualiste: Le Livre des Esprits concernant les principes de la doctrine sur l'immortalité de l'âme, la nature des esprits et leurs rapports avec les hommes, les lois morales, la vie présente, la vie future et l'avenir de l'humanité selon l'enseignement donné par les Esprits supérieurs à l'aide de divers médiums, recueillis et mis en ordre par Allan Kardec*. 35^e édition. Librairie des Sciences Psychologiques. Paris. s/d. (Também utilizadas as primeira e décima quarta edições, publicadas por E. Dentu e A. Didier em 1857 e 1860, respectivamente.)

KEANE, Webb. On spirit writing: materialities of language and the religious work of transduction. *Journal of Royal Anthropological Institute*. Vol. 19, nº1, 2013.

KITTLER, Friedrich A.. *Discourse networks 1800/1900*. Stanford University Press. Stanford. 1990.

LYONS, Martyn. *Readers and society in Nineteenth-century France: workers, women, peasants*. Palgrave. Nova York. 2001.

MILUTIS, Joe. *Ether: the nothing that connects everything*. University of Minnesota. Minneapolis. 2006.

MONROE, John Warne. *Laboratories of faith: mesmerism, spiritism and occultism in modern France*. Ithaca & London, Cornell University Press. 2008.

PESTALOZZI, Johan Heinrich. *Manuel des mères*. S/d. (micro-filme; Bibliothèque Nationale Française)

OTIS, Laura. *Networking: communicating with bodies and machines in the Nineteenth Century*. University of Michigan Press. 2001.

RANCIÈRE, Jacques. Savoirs hérétiques et émancipation du pauvre in *Les sauvages dans la cité: auto-émancipation du peuple et instruction des prolétaires au XIX^e siècle*. Cham Vallon. Seyssel. 1985.

_____ *Le maître ignorant: cinq leçons sur l'émancipation intellectuelle*. Fayard. Paris. 1987.

_____ *A noite dos proletários: arquivo do sonho operário*. Companhia das Letras. São Paulo. 1988.

RIVAIL, Hippolyte-Léon Dénizard. *Plan proposé pour l'amélioration*



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

de l'éducation publique. Paris. 1828.

_____ *Cours pratique et théorique d'arithmétique*. Paris. 1828.

_____ *Cathéchisme grammatical de la langue*

française. Paris. 1848.

STOLOW, Jeremy. Religion and/as media. *Theory, Culture & Society*, vol.22, nº4.

_____ 'Salvation By Electricity'. In Hent de Vries (ed). *Religion: Beyond a Concept*. New York: Fordham University Press. 2008.

_____. 'Wired Religion: Spiritualism and Telegraphic

Globalization in the Nineteenth Century.' In Stephen Streeter, John Weaver and William Coleman (eds). *Empires and Autonomy*. University of British Columbia Press. 2009.

_____ (ed). *Deus-in machina: religion, technology and the things in between*. Fordham University Press. Nova York. 2013.

STAROBINSKI, Jean. *Ação e reação: vida e aventuras de um casal*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. (1999) Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral in *Obras incompletas (Os pensadores)*. Nova Cultural. São Paulo.

_____ (2000) *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Companhia das Letras. São Paulo.

VERMEREN, Patrice. Rien n'est dans rien ou tout le monde sait la logique: la méthode d'enseignement de Joseph Jacotot et l'émancipation intellectuelle des classes pauvres in *Les sauvages dans la cité: auto-émancipation du peuple et instruction des prolétaires au XIXe siècle*. Champ Vallon. Seyssel. 1985.

VOLTA, Alessandro. Sobre a eletricidade excitada pelo simples contato entre substâncias condutoras de tipos diferentes in MANAGHI, C. P. & ASSIS, A. K. T. Sobre a eletricidade excitada pelo simples contato entre substâncias condutoras de tipos diferentes - uma tradução comentada do artigo de Volta de 1800 descrevendo sua invenção da pilha elétrica. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v.25, nº1. 2008.